



Viagens ao centro da periferia

Marcia Caetano Langfeldt

► **To cite this version:**

Marcia Caetano Langfeldt. Viagens ao centro da periferia: Leitura de relatos de viagem da Amazônia brasileira do início do século XX. Les Cahiers du CREPAL, PSN (Presses de la Sorbonne Nouvelle), 2017, Les Cahiers du Crepal, <<http://psn.univ-paris3.fr/monde-lusophone/fonds-general/les-cahiers-du-crepal>>. <hal-01494942>

HAL Id: hal-01494942

<https://hal-univ-paris3.archives-ouvertes.fr/hal-01494942>

Submitted on 24 Mar 2017

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

1 – Título: Viagens ao centro da periferia: leitura de relatos de viagem da Amazônia brasileira do início do século XX

2 – Autora: Marcia Caetano Langfeldt (marcia.langfeldt@gmail.com)

3 - Universidade: Paris 3 - Sorbonne-Nouvelle – ED 122 - Centre de Recherches sur les Pays Lusophones (CREPAL)

RESUMO :

O presente artigo faz uma leitura crítica de relatos de viagem sobre a Amazônia, no início do século XX: em primeiro lugar, os escritos amazônicos de Euclides da Cunha, publicados no livro *À margem da história*, de 1909. Em seguida, aproxima estes escritos dos relatórios de missões na Amazônia do médico sanitarista Osvaldo Cruz, que constituem um conjunto de documentos históricos sobre a região.

PALAVRAS-CHAVE:

Relatos de viagem, Amazônia; Euclides da Cunha; Osvaldo Cruz.

ABSTRACT:

This article focus on a critical reading of travel writings from the Amazon of the early twentieth century. First, there are Euclides da Cunha's texts about the Amazon, published in the book *À margem da história* (At the margins of history), from 1909. Finally, the article approaches the scientific reports of Brazilian bacteriologist Osvaldo Cruz. These texts consist of an important set of historic documents about the region.

KEY WORDS:

Travel writings, Amazon, Euclides da Cunha, Osvaldo Cruz.

No início do século XX, o governo do Brasil promoveu diversas viagens ao interior do país, com o objetivo de incorporar estas regiões ao projeto de nação que se iniciara no Império e se ampliava na República. Foi neste contexto que o engenheiro militar, jornalista e escritor Euclides da Cunha (1866-1909) e o médico sanitário Osvaldo Cruz (1872-1917) foram enviados à Amazônia, durante a Primeira República brasileira (1889-1930).

Em 1905, Euclides da Cunha chefiou a Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus. A principal finalidade da comissão era colher dados acerca da delimitação territorial da região do rio Purus, para fornecer subsídios às negociações com o Peru para a definição das fronteiras entre este país e o Brasil, em tratado que só ocorreria em 1909. A viagem foi acertada entre o Ministério das Relações Exteriores do Brasil e o governo peruano em 1904 e determinava a constituição de uma comissão mista, com representantes dos dois países. Sobre essa viagem há vasto material deixado pelo autor de *Os sertões* (1902). Além dos relatórios redigidos para a Comissão, Euclides da Cunha escreveu um livro de ensaios amazônicos, *À margem da história* (1909), diversos artigos de jornais, concedendo também entrevistas e pronunciando discursos. O conjunto é conhecido hoje como “os escritos amazônicos de Euclides da Cunha”. Como em outros textos do autor, nele as delimitações são opacas entre ensaio, ficção e texto jornalístico. Por sua vez, o médico sanitário Osvaldo Cruz viajou em quatro ocasiões à Amazônia, entre 1905 e 1911, a serviço do governo federal e, posteriormente, a serviço da empresa construtora da ferrovia Madeira-Mamoré e do governo do estado do Pará. No ano seguinte, em 1912, ele coordenou à distância o trabalho da equipe médica que foi para a região com o objetivo de verificar as condições sanitárias dos territórios onde se concentrava o extrativismo da borracha. Sobre estas missões, dois relatórios foram publicados. Além dos documentos oficiais, há ainda diversas cartas sobre a região enviadas pelo sanitário a membros do governo, a outros profissionais médicos e a sua família. Estes documentos se encontram nos arquivos da Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro.

Embora outros brasileiros já houvessem publicado estudos sobre a Amazônia, como o livro *O vale do Amazonas* (1866), do jornalista e político Tavares Bastos (1839-1875), os textos de Euclides da Cunha e os de Osvaldo Cruz representam, pelas características que possuem e pelo contexto em que foram gerados, a invenção, durante os primeiros momentos da República, de um olhar efetivamente nacional sobre a região.

Além do fato de que ambos gozavam de prestígio político e amplo espaço na mídia nacional, Euclides da Cunha e Osvaldo Cruz dirigiram missões que tinham como objetivo final a delimitação e integração da Amazônia no restante do território nacional, no preciso momento em que esta vivia um período de forte pujança econômica. Com efeito, a região conhecia o ciclo da borracha (1879-1912), fase em que o produto chegou a representar 25,7% das exportações brasileiras, só perdendo para o café¹. Decorre deste fato a premência do governo brasileiro em delimitar de modo preciso as fronteiras geográficas deste território, o controle dos portos que recebiam imigrantes do Nordeste brasileiro e de várias regiões do mundo e o saneamento dos pólos econômicos deste importante produto natural, encontrado então exclusivamente na região amazônica.

O objetivo deste artigo é propor uma leitura dos relatos de viagem de Euclides da Cunha e Osvaldo Cruz, averiguando em que medida estes textos contribuíram para a construção de uma visão nacional sobre a região. Nossa leitura está inscreve-se, em primeiro lugar, no campo de pesquisa dos relatos de viagem. Faremos, portanto, primeiramente uma breve exposição da contribuição que os estudos literários têm trazido para este campo, por essência pluridisciplinar.

Os relatos de viagem como campo de pesquisa literária

Embora o relato de viagem seja um dos gêneros mais antigos da humanidade, a partir das narrativas orais, o campo de pesquisa sobre o tema (*travel writings*) surgiu com evidente vigor após os anos 1970, com a criação de centros de pesquisa dedicados ao assunto, a realização de colóquios, a publicação de antologias e a organização de seminários acadêmicos. Um dos precursores destes estudos, Michel Butor já em 1972 previa as dificuldades da inserção do relato de viagem nas linhas de pesquisa existentes nos estudos literários e propunha no artigo « Le voyage et l'écriture », que se criasse uma nova especialidade com este fim: « Je propose donc une nouvelle Science [...], étroitement liée à la littérature, celle des déplacements humains, que je m'amuse à nommer itérologie ». (Butor 1972: 7) Grégoire Holtz e Vincent Masse, no ensaio « Étudier les récits de Voyage: bilan, questionnement, enjeux »², demonstram de modo bastante

¹ Fausto, *História do Brasil*, p. 292.

² Holtz & Masse, « Étudier les récits de Voyage: bilan, questionnement, enjeux », p. 7-8.

preciso como os estudos literários se apropriaram deste campo de pesquisa, que é necessariamente multidisciplinar, a partir da extensão das fronteiras do que é ou não « literário », principalmente a partir dos anos 2000:

[...] Le champ d'étude de la littérature de voyage, du moins pour ce qui est de son positionnement à l'intérieur des départements de littérature, est précisément autorisé par l'ébranlement des certitudes quant aux frontières de l'objet littéraire, phénomène qui survient en grande partie conjointement avec ces décennies d'explosion des recherches sur la littérature de voyage. L'étude de la littérature de voyage se nourrit précisément de l'extension des frontières de l'objet dit « littérature », et de l'extension du corpus des textes dits « canoniques ».

Um dos exemplos citados por Grégoire Holtz e Vincent Masse da inserção dos textos de viajantes no campo da literatura é a publicação, pela editora francesa Gallimard, na coleção “Folio classique” dos relatos de viagem de Chateaubriand, em 2005; de Flaubert, em 2006, e de Lamartine, em 2001, ao passo que os dois primeiros textos estavam ausentes da coleção “Pléiade” destes mesmos autores. Entretanto, nem sempre os autores dos relatos de viagem são escritores: eles podem ter ocupação diversas e, de missionários, médicos a esposas de viajantes. Além da indefinição de fronteiras de gêneros, estes textos produzem uma grande variedade de denominações e definições, dos quais podemos citar hoje, além do relato de viagem, a literatura de viagem, a literatura geográfica, a narrativa da descoberta (*discourse of discovery*), relato de espaço (Certeau), relato insular (Lestringant), literatura de contato, escrita cartográfica (*cartographic writing*, Conley), escrita nômade, entre outros.

Quanto à forma, os relatos de viagem apresentam igualmente aspectos diversos: desde a narrativa em prosa, até os diários, as cartas, as notas simples, o relato oral, a epopeia (caso de *Os Lusíadas*, de Camões, publicado três anos depois do regresso do autor do Oriente, em 1572) e as anotações marginais em livros, como ocorreu no século XVIII, em que a procura por manuscritos de viagem era tão grande, que a marinha britânica tomou como prática confiscar todas as anotações de viagem dos marinheiros das viagens financiadas pelo governo, com vias a produzir relatos oficiais únicos. Prática que era burlada pela tripulação, que escrevia à margem de bíblias e outros livros ³.

³ Adams, *Travel literature and the evolution of the novel*, p. 42.

No campo da crítica literária, o estudo dos relatos de viagem suscita várias metodologias e abordagens. Em primeiro lugar, há a questão da poética do gênero que, como já foi dito, é de fato múltiplo. Em seguida, há a relação entre o texto e a sua história. Dentro deste âmbito, há questões tais como as condições de produção e recepção dos textos, ou seja, o contexto no qual tais relatos foram produzidos e como foram recebidos à época. Há ainda questões relativas à relação entre o autor e o texto: a questão da alteridade, o papel do autor e do narrador, o lugar do narrador (o testemunho é simultaneamente a produção de um saber sobre uma cultura e a reprodução reveladora das normas e estruturas que indicam o pertencimento do escritor a uma dada cultura); a relação entre texto e imagem (semiologia da imagem); estudos comparativistas entre diferentes tipos de discurso (ficcional ou não-ficcional, científico ou literário, testemunho pessoal e cartas pessoais, ou ainda artigos de jornal etc), diferentes tipos de narradores (relato de um europeu comparado ao relato de um nativo, de um detentor do poder ao relato de um indivíduo sujeito a este poder e diversos outros). Por fim, a partir dos anos 2000, os relatos de viagem têm recebido novas abordagens críticas dentro dos estudos literários, que não competem, mas se adicionam à multidisciplinaridade deste campo de pesquisa.

Deste modo, os relatos de viagem à Amazônia dos escritores Euclides da Cunha e do médico Osvaldo Cruz se posicionam num ponto de intersecção metodológico, em que se privilegia uma abordagem intertextual comparativa, que seja capaz de lhes restituir, senão totalmente, ao menos em parte, as relações de poder que deram luz a sua existência que que invocam permanentemente uma leitura feita sempre a partir do presente e jamais definitiva.

Os relatos de Euclides da Cunha e Osvaldo Cruz sobre a Amazônia

Da mesma maneira que ocorreu com a campanha de Canudos (1896-1897), Euclides da Cunha escreveu sobre a região amazônica antes mesmo de para lá viajar. Em 1903, em consequência do sucesso obtido com a publicação do livro *Os sertões* (1902), na esteira das reportagens publicadas no jornal *O Estado de São Paulo*, Euclides da Cunha havia se tornado membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Brasileira de Letras. Contudo, embora reconhecido, encontrava-se sem emprego e, buscando obter nomeação para a comissão brasileira que iria para o alto Purus em 1904, escreve quatro artigos sobre o assunto. Esses

artigos foram publicados nos jornais *O País* e *O Estado de São Paulo* naquele mesmo ano e, posteriormente, no livro *Contrastes e Confrontos* (1907).

Após chegar à região, Euclides da Cunha produziu diversos textos que foram publicados no livro póstumo *À margem da história*, de 1909. A intenção original do autor de *Os sertões* era a de fazer um livro sobre a Amazônia, à semelhança do que havia produzido sobre a campanha de Canudos. Este segundo livro seria intitulado « Um Paraíso Perdido », em referência à obra do filósofo inglês do século XVII John Milton, *Lost Paradise*.

Se escrevesse agora esboçaria miniaturas do caos, incompreensíveis e tumultuárias, uma mistura formidável de vastas florestas inundadas e de vastos céus resplandescentes. Entre tais extremos está, com suas inumeráveis modalidades, um novo mundo que me era inteiramente desconhecido. Além disso, esta Amazônia recorda a genial definição do espaço de Milton: esconde-se em si mesma. O forasteiro contempla-a sem a ver através de uma vertigem. Ela só lhe aparece aos poucos, vagarosamente, torturantemente. É uma grandeza que exige a penetração sutil dos microscópios e a visão apertadinha e breve dos analistas; é um infinito que deve ser dosado.⁴

A obra ficou no projeto com a morte do escritor, em 1909, assassinado a tiros em legítima defesa pelo amante da esposa. Os textos de Euclides da Cunha sobre a região compreendem um amplo conjunto que se encontra dividido entre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Academia Brasileira de Letras, o jornal *O Estado de São Paulo*, o Itamaraty (o Ministério de Relações Exteriores) e a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Como referência no assunto, podemos citar a publicação das *Obras Completas* de Euclides da Cunha, sob a direção de Afrânio Coutinho, em 1966 e reeditada em 1995 e 2005, o trabalho de Leandro Tocantins, com a publicação de *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*, em 1966, a coletânea de correspondência ativa publicada por Francisco Venâncio Filho, em 1938, sob o título *Euclides da Cunha a seus Amigos*, um outro conjunto da correspondência ativa reunido mais recentemente por Walnice Nogueira Galvão e Osvaldo Galotti, em 1997, e o livro *Poesia Reunida* de Francisco Foot Hardman e Leopoldo Bernucci, de 2009, que traz poemas do autor e manuscritos.

Para escrever os textos sobre a região, Euclides da Cunha cercou-se de escritos de naturalistas e cientistas sobre a Amazônia, como Humboldt, Agassiz, Bates, Martius, Spix, Chandler e

⁴ Cunha, *Obra completa*, p. 696.

muitos outros. O problema das influências de Euclides é uma questão sobre a qual o autor esteve permanentemente consciente, como demonstra o artigo que escreveu sobre o livro de Theodore Roosevelt, *O ideal americano* (1897), em que cita trechos de escritos do estadista americano para fazer a constatação sobre o caráter nacional:

Para nós, sim, é que parecem feitas aquelas páginas severas riçadas de repentinos e vivos golpes de ironia – porque entre nós é que se faz mister repetir longamente, e monotonamente mesmo, « que mais vale ser um original do que uma cópia, embora esta valha mais do que aquele »; e que o ser brasileiro de primeira mão, simplesmente brasileiro, malgrado a modéstia do título, « vale cinquenta vezes mais do que ser a cópia de segunda classe, ou servil oleografia, de um francês ou de um inglês ».⁵

Assim, imbuído do projeto incorporado de “ser nacional”, Euclides da Cunha encontra na Amazônia a sua matéria-prima na figura do seringueiro originário das migrações do Nordeste, uma espécie de continuação dos sertanejos vitimados em Canudos, que descrevera em *Os sertões*.

Já o médico sanitarista Osvaldo Cruz visitou a Amazônia em quatro ocasiões. A primeira viagem ocorreu em 1905, como Diretor Geral de Saúde Pública do governo do presidente Rodrigues Alves (1848-1919). Na Conferência Internacional de Paris em 1903, o governo brasileiro havia sido signatário de um projeto junto com os outros países presentes visando controlar a cólera, a peste bubônica e a febre amarela. Em função disto, Osvaldo Cruz viajou para inspecionar os portos do país, chegando até a região amazônica⁶.

A segunda viagem ocorreu em 1910, a serviço da empresa construtora da ferrovia Madeira-Mamoré. Desde o início, as condições sanitárias da área foram o principal obstáculo para a finalização da obra e, para trabalhar em conjunto com a equipe médica da ferrovia, a empresa contratou o sanitarista⁷. Cruz deixou o Rio de Janeiro em 16 de junho de 1910, acompanhado pelo médico Belisário Pena. Juntos percorreram 133 quilômetros da ferrovia. De volta ao Rio, entregaram o relatório « Considerações gerais sobre as condições sanitárias do rio Madeira », em 6 de setembro de 1910 ao representante da empresa no Brasil.

⁵ Ibidem, p. 195.

⁶ Cruz, Chagas & Peixoto, *Sobre o saneamento da Amazônia*, Introdução, s.p.

⁷ Ibidem, Introdução, s.p.

No relatório, Osvaldo Cruz não escondeu a sua indignação diante das péssimas condições sanitárias da região, chegando a afirmar que « as tentativas de construção dessa estrada (de ferro) têm sido assinaladas por verdadeiras hectacombes »⁸. O termo não era exagero, apenas durante a terceira fase de construção da ferrovia, de 1907 a 1912, ocorreram 1.593 mortes oficialmente registradas⁹. Em função disto, a Madeira-Mamoré foi apelidada de «A Ferrovia do Diabo » e surgiu a afirmação de que teria consumido uma vida por cada dormente.

Osvaldo Cruz listou as principais doenças que encontrou: malária, febre amarela, tuberculose, beribéri, disenteria, ancilostomíase, pneumonia, sarampo e alcoolismo. Contudo, dentre todas elas, o impaludismo era o grande terror da região. Segundo o sanitarista, a população estava de tal forma infectada pela malária, que «para ela, a condição de ser enfermo constitui a normalidade »¹⁰.

Por fim, Osvaldo Cruz estabeleceu vinte determinações que deveriam ser executadas para o saneamento da área. As medidas eram as seguintes: a ingestão compulsória da quinina, a construção de galpões telados para confinar os funcionários após o por do sol, a distribuição de água potável, a obrigação de uso de sapatos e o combate à venda de bebida alcoólica, entre outras. A equipe médica tinha amplos poderes para demitir qualquer funcionário que não respeitasse as determinações sanitárias. Graças a este plano sistemático, a ferrovia pode ser inaugurada em 1º de agosto de 1912 (Ibidem:42-44).

Na ocasião da viagem à região do Madeira-Mamoré, quando Osvaldo Cruz chegou à cidade de Belém, capital do estado do Pará, o Governador João Coelho o contratou para promover o saneamento da cidade, que padecia, entre outras doenças, de uma epidemia de febre amarela. Para esta missão, Osvaldo Cruz viajou em duas ocasiões ao Pará: em novembro de 1910, quando implementou no estado o plano de combate à febre amarela, através de equipe constituída pelo próprio sanitarista, e em maio de 1911, ao final da bem-sucedida campanha, quando chegou a Belém trazendo sua filha consigo, que o acompanhara em viagem à Alemanha, naquele mesmo ano.¹¹ Os resultados da campanha da febre amarela no Pará foram amplamente divulgados na

⁸ Ibidem, p.6.

⁹ Hardman, *Trem fantasma: a modernidade na selva*, p.105.

¹⁰ Cruz, Chagas & Peixoto, Op.cit., p.32.

¹¹ Eles regressavam de Dresden, na Alemanha, onde Osvaldo Cruz havia representado o Brasil na Exposição Internacional de Higiene. O Brasil foi o único representante das Américas a construir um estande nesta exposição.

imprensa da época. Em 3 de abril de 1911, o jornal carioca *Gazeta de Notícias*, publicou extensa matéria sobre a febre amarela, na qual ressaltava o trabalho de Osvaldo Cruz no Pará:

A febre amarela era um mal misterioso, que todos os anos, a partir de 1840, data do seu terceiro e definitivo aparecimento entre nós (em invasões anteriores não conseguira se firmar no Brasil), todos os anos dizimava nossa população, com « *poussées* » mais ou menos extensas.

[...] Fez-se a profilaxia da febre amarela em Cuba e o sucesso foi completo. Fez-se no Rio e a febre amarela desapareceu. Agora está em foco o Pará. E eis o que diz um telegrama de ontem, da capital paraense: « No mês de março findo foi aqui registrado apenas um caso de febre amarela ». [...] Cremos que, depois de tão concludente prova, não restará mais dúvida alguma quanto aos grandes serviços ao Brasil que tem prestado o nosso eminente patricio Dr. Osvaldo Cruz.¹²

Em 4 de junho de 1911, o jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, publicava sobre o fim da campanha da febre amarela no Pará:

A febre amarela está extinta no Pará

A comissão da profilaxia contra a febre amarela apresentou ao governo do Estado um trabalho gráfico dos seus serviços desde o início da campanha, em 12 de novembro do ano passado, e cujo resultado foi o mais brilhante, estando extinto o terrível morbus.

[...] Aos esforços conjuntados do governador e do cientista dr. Osvaldo Cruz se deve tão esplêndido resultado, de pleno êxito para o renome e o crédito do Estado, os quais subirão muito, repercutindo em todo o Brasil. Esse resultado é tão mais satisfatório, porquanto no momento atual há grande necessidade da vinda de capitais e braços estrangeiros para conjurar a crise horrível que pesa sobre o Pará.

Brevemente, chegará a esta capital o dr. Osvaldo Cruz, a quem será preparada condigna recepção, sendo como é, o herói da campanha de que garantiu o êxito no prazo fatal.¹³

A partir destas matérias na imprensa, nota-se que, após as campanhas bem-sucedidas de saneamento do Rio de Janeiro e de Belém, o nome de Osvaldo Cruz estava definitivamente associado ao progresso tão almejado para o país. A chegada de « capitais e braços » mencionada pelo jornal não deixa dúvidas: com o país saneado, o progresso era só uma questão de tempo. A última campanha dirigida por Osvaldo Cruz, entretanto, iria mostrar que seria necessário muito mais.

¹² *Gazeta de Notícias*, 3 de abril de 1911, p.1.

¹³ *Correio da Manhã*, 4 de junho de 1911, p.4.

Por fim, Osvaldo Cruz, em 1910, foi contratado para organizar o saneamento da região de extração da borracha amazônica pela recém-criada Superintendência de Defesa da Borracha. Embora não tenha ido à região, o médico coordenou o trabalho da equipe de trabalho que viajou para o Amazonas entre outubro de 1912 e março de 1913. Em 11 de setembro de 1913, Osvaldo Cruz apresentou um relatório sobre as condições de saneamento no Amazonas ao ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, Pedro de Toledo, sob o título « Condições médico-sanitárias do Vale do Amazonas ».

No relatório que escreveu para a empresa construtora da ferrovia Madeira-Mamoré, em 1910, cinco anos após a viagem de Euclides da Cunha, Osvaldo Cruz assim descreveu a vila de Santo Antônio do Madeira¹⁴, acampamento do canteiro de obras.

A vila não tem esgotos, nem água canalizada, nem iluminação de qualquer natureza. O lixo e todos os produtos da vida vegetativa são atirados às ruas, se merecem este nome vielas esburacadas que cortam a infeliz povoação. Encontram-se colinas de lixo apoiadas às paredes de habitações. Grandes buracos no centro do povoado recebem as águas das chuvas e da cheia do rio e transformam-se em pântanos perigosos, donde se levantam aluviões de anofelinas que espalham a morte por todo o povoado. Não há matadouro. O gado é abatido em plena rua, à carabina, e as porções não aproveitadas: cabeça, vísceras, couro, cascos etc., são abandonados no próprio local em que foi a rês sacrificada, jazendo num lago de sangue. Tudo apodrece junto às habitações e o fétido que se desprende é indescritível. Sobre os organismos que vivem em tal meio o impaludismo faz as maiores devastações que se conhecem. A população infantil não existe e as poucas crianças que se vêem têm vida por tempo muito curto. *Não se conhecem entre os habitantes de Santo Antônio pessoas nascidas no local: essas morrem todas.*¹⁵

É interessante comparar estas observações com o relato de Euclides da Cunha sobre os imigrantes que haviam seguido para a região de extração da borracha. Enquanto Osvaldo Cruz faz um relato essencialmente descritivo da situação com a qual se deparou, Euclides da Cunha apresenta uma clara opção estética que oscila entre o discurso ficcional e o não-ficcional. Assim, vejamos:

Quando as grandes secas de 1879-1880, 1889-1890, 1900-1901 flamejavam sobre Os sertões adustos, e as cidades do litoral se enchiam em poucas semanas de uma população

¹⁴ A vila é hoje a cidade de Porto Velho, capital do estado de Rondônia, e foi fundada pela empresa construtora da ferrovia.

¹⁵ Cruz, Chagas & Peixoto, Op.cit., p.10.

adventícia, de famintos assombrosos, devorados das febres e das bexigas – a preocupação exclusiva dos poderes públicos consistia no libertá-las quanto antes daquelas invasões de bárbaros moribundos que infestavam o Brasil. Abarrotavam-se, às carreiras, os vapores, com aqueles fardos agitantes consignados à morte. Mandavam-nos para a Amazônia – vastíssima, despovoada, quase ignota – o que equivalia a expatriá-los dentro da própria pátria. [...] Mas feita a tarefa expurgatória, não se curava mais dela. Cessava a intervenção governamental. Nunca, até aos nossos dias, a acompanhou um só agente oficial, ou um médico. *Os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem...*¹⁶

Destaca-se dos trechos acima citados, em primeiro lugar, o uso do tempo verbal passado por Euclides da Cunha, enquanto Cruz permanece no presente. Assim, escreve Euclides da Cunha: “flamejavam”, “se enchiam”, “abarrotoavam-se” etc. O uso de adjetivos é bastante restrito no texto de Osvaldo Cruz (“fétido indescritível” e “vida vegetativa”), ao passo que é abundante no texto de Euclides da Cunha (“grandes secas”, sertões adustos”, “famintos assombrosos”, “bárbaros moribundos”, “fardos agitantes” e “Amazônia vastíssima, despovoada, quase ignota”). E, por fim, o uso do sujeito indeterminado, característico dos relatórios de Osvaldo Cruz: “não se conhecem entre os habitantes de Santo Antônio...”, enquanto Euclides da Cunha finaliza o seu comentário posicionando precisamente o imigrante, aquele que foi abandonado pelo poder público a sua própria sorte como sujeito da frase: “os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem”. Com este recurso, causa empatia no leitor que, a partir do ponto de vista dos “banidos” (escolha lexical muito mais contundente do que “habitantes”, no caso do texto citado de Osvaldo Cruz) pode perceber a dura realidade destas pessoas. Banidos em sua própria terra, os moribundos que migraram para a região cumpriam com exatidão “a missão dolorosíssima e única de desaparecerem”.

Ainda com relação a imagem descrita por Euclides da Cunha, não há como não recordar que a obra mencionada pelo autor como a fonte de inspiração para o futuro livro que desejava escrever sobre a Amazônia, o poema em dez livros de John Milton, *Paradise Lost*, é sobre a expulsão de Adão e Eva do Paraíso e a sua adaptação à terra. Aqui, se substituirmos o Deus de Milton pelo governo que expulsa a população indesejada e a envia para a região amazônica fica mais clara a analogia que Euclides pretendia revelar entre o castigo divino que marcou a humanidade para sempre e o abandono ao qual estavam fadados aqueles exilados:

¹⁶ Cunha, Op.cit., p.276.

Such place Eternal Justice had prepar'd
For those rebellious, here their Prison ordain'd
In utter darkness, and their portion set
As far remov'd from God and light of Heav'n
As far from the Center thrice to th'utmost Pole.
O how unlike the place from whence they fell!¹⁷

(A justiça eternal tinha disposto
Para aqueles rebeldes este sítio:
Ali foram nas trevas exteriores
Seu cárcere e recinto colocados,
Longe do excelso Deus, da luz empírea,
Distância tripla da que os homens julgam
Do centro do orbe à abóbada estrelada.
Oh! como esse lugar, onde ora penam,
É diverso do Céu donde caíram!)¹⁸

Por este trecho de Euclides da Cunha pode-se apenas imaginar o que seria o “livro vingador”, nas suas próprias palavras, que desejava escrever. Os artigos que publica sobre a Amazônia apresentam esta difusa delimitação entre o ensaio e o texto poético, opção que o próprio autor justifica, em carta enviada ao escritor e amigo José Veríssimo (1957-1916), em 1902:

Sagrados pela ciência e sendo de algum modo, permita-me a expressão, os aristocratas da linguagem, nada justifica o sistemático desprezo que lhes votam os homens de letras – sobretudo se considerarmos que o consórcio da ciência e da arte, sob qualquer de seus aspectos, é hoje a tendência mais elevada do pensamento humano.¹⁹

Assim, nesse consórcio entre ciência e arte, Euclides da Cunha prossegue, na introdução do artigo “Um clima caluniado”, publicado em *À margem da história*:

Na definição climática das circunscrições territoriais criadas pelo Tratado de Petrópolis tem-se incluído sempre um elemento curiosíssimo, ante o qual o psicólogo mais rombo suplanta a competência do professor Hann²⁰ ou qualquer outro mestre em cousas meterológicas: o desfalecimento moral dos que para lá seguem e levam desde o dia da partida a preocupação absorvente da volta no mais breve prazo possível. Cria-se uma nova

¹⁷ Milton, *Paradise Lost: a poem written in ten books*, p. 5.

¹⁸ Tradução de António José de Lima Leitão.

¹⁹ Galvão & Galotti (org), Correspondência de Euclides da Cunha, p.143.

²⁰ Julius Hann (1939-1921), austríaco que escreveu *Handbuch der Klimatologie*, obra de referência em climatologia.

sorte de exilados – o exilado que pede o exílio, lutando por vezes para o conseguir, repelindo outros concorrentes, ao mesmo passo que vai adensando na fantasia alarmada as mais lutuosas imagens no prefigurar o paraíso tenebroso que o atrai. Parte, e leva no próprio estado emotivo a receptividade a todas as moléstias.²¹

À semelhança do que realiza em *Os sertões*, na caracterização do homem sertanejo, Euclides da Cunha neste artigo faz um contorcionismo ideológico, buscando primeiramente as causas da má-disposição dos imigrantes no clima que os acolhe, para depois, simplesmente denunciar as más-condições de acolhimento e a falta de apoio oficial, pois, se aqui na introdução do artigo ele se refere a questões meterológicas ruins, a seguir, em trecho posterior, ele denuncia as péssimas condições alimentares dos seringueiros:

A alimentação, que é a base mais firme da higiene tropical, não lha fornece, durante largos anos, a mais rudimentar cultura. Constitui-se, ao revés de todos os preceitos, adstrita aos fornecimentos escassos de todas as conservas suspeitas e nocivas, com o derivativo aleatório das caçadas.

Sobretudo isto, o abandono. O seringueiro é, obrigatoriamente, profissionalmente, um solitário.²²

Observações semelhantes sobre o regime alimentar dos habitantes do Madeira e de seus afluentes se encontram no relatório de 1910, Osvaldo Cruz:

Na região abaixo das cachoeiras, onde as facilidades de transporte são grandes, é deficientíssima e péssima a alimentação dos seringueiros. Viciados pelo álcool, de que abusam de maneira incrível, não têm alimentação conveniente e por essa mesma pagam preços fabulosos. A base da alimentação é a carne seca e a farinha d'água. A primeira quase sempre chega deteriorada, o que é fácilimo à vista de seu péssimo acondicionamento e da umidade da região. Os que melhor se alimentam fazem uso de conservas que vêm em grande parte de Manaus e do Pará. Estas conservas são vendidas sem escrúpulo e em grande parte deterioradas. E a fraude vai a tal ponto que as casas de importação de conservas têm um empregado denominado caixeiro da solda e cujo mister consiste em furar as latas deformadas pelos gases da putrefação, a fim de dar saída a esses e soldar a abertura feita²³.

²¹ Cunha, Op.cit., p.272.

²² Cunha, Op.cit., 278.

²³ Cruz, Chagas & Peixoto, Op.cit., p.11.

Os textos de Osvaldo Cruz e Euclides da Cunha ecoam as mesmas denúncias, os mesmos diagnósticos: o maior mal da Amazônia não é o clima, nem a natureza, mas a ausência absoluta de políticas públicas. Diz Osvaldo Cruz no relatório de 1913, sobre o saneamento do Amazonas:

Os elementos epidemiológicos, porém, são sempre os mesmos e na Amazônia, como em toda parte, acham-se ao alcance de medidas muito capazes de atenuá-los. O que aí existe, ocasionando imensa hecatombe e malsinando as condições naturais de toda a Amazônia, é a mais absoluta ausência de assistência médica e medicamentosa, é o desconhecimento completo das medidas de profilaxia individual contra a malária, é o abandono do proletário a um estado mórbido perfeitamente atenuável ou a fatalidade da morte por uma moléstia perfeitamente curável. O que, em fim, constitui no vale do Amazonas a maior fatalidade é esse desprezo pela vida humana da parte dos poderes públicos e dos possuidores de seringais, não existindo lá, onde a riqueza, trazida pelos resultados de uma indústria extrativa, só depende do trabalho humano, a noção exata de uma existência²⁴!

Análise semelhante pode-se ser encontrada, em *Terra sem história*, artigo de *À margem da história*, de Euclides da Cunha:

Esta resenha comportaria alguns exemplos bem dolorosos. Fora inútil apontá-los. Dela ressalta impressionantemente a urgência de medidas que salvem a sociedade obscura e abandonada: uma lei do trabalho que nobilite o esforço do homem; uma justiça austera que lhe cerceie os desmandos; e uma forma qualquer do *homestead* que o consorcie definitivamente à terra²⁵.

Como se vê nos exemplos citados, as semelhanças entre as observações sobre a Amazônia de Euclides da Cunha têm muitas reverberações nos relatórios de Osvaldo Cruz, não apenas quanto aos tópicos abordados – imigração, mortalidade, alimentação, falta de políticas públicas, apenas para citar algumas.

Na leitura paralela destes textos percebe-se o quanto são complementares: os relatórios científicos corroborando, alguns anos depois, a narrativa euclidiana sobre a região. O estilo híbrido de Euclides da Cunha, entre a narrativa ficcional e o discurso histórico contribuindo para a valorização do testemunho do médico sanitarista.

²⁴ Ibidem, p.122.

²⁵ Cunha, Op.cit., p.261.

É curioso notar que não há registro de que ambos tenham se encontrado, nem mesmo na Academia Brasileira de Letras, já que Osvaldo Cruz foi eleito para a casa em 1913, quando Euclides da Cunha já havia morrido há quatro anos. Entretanto, é bastante provável que um tenha tido acesso aos textos amazônicos do outro, já que grande parte deste material foi publicada na imprensa ainda na época das viagens que realizaram.

Porém, mais importante do que questionar sobre as motivações de seus autores é refletir sobre o diálogo que é possível estabelecer entre estes textos. Já que constituem narrativas complementares, cuja leitura abre para novas possibilidades: desde um esboço para o livro jamais escrito por Euclides da Cunha sobre a Amazônia, mas que seria certamente tributário destas observações iniciais, até a humanidade anônima, perdida no discurso histórico oficial, que se encontra aqui como personagens nas linhas das campanhas sanitárias de Osvaldo Cruz, com a sua vida, mecanismos de sobrevivência, modos de agir e pensar.

A questão do diálogo entre autores nacionais é um assunto tratado no ensaio « Literatura e Subdesenvolvimento », em que o crítico Antonio Candido propõe um caminho para o estabelecimento de um pensamento nacional, através da absorção das influências externas e da conversa entre com as influências internas:

Um estágio fundamental na superação da dependência é a capacidade de produzir obras de primeira ordem, influenciadas, não por modelos estrangeiros imediatos, mas por exemplos nacionais anteriores. Isto significa o estabelecimento do que se poderia chamar um pouco mecanicamente de causalidade interna, que torna inclusive mais fecundos os empréstimos tomados às outras culturas.²⁶

O que Antonio Candido propõe como critério de formação da literatura nacional é o estabelecimento de uma série contínua de diálogos internos, onde o conteúdo externo é permanentemente recodificado em termos nacionais. Como já referimos no início deste artigo, o momento de produção destes textos está inserido em um contexto de esforço de construção de uma ideia de país, ao qual a Amazônia deve ser anexada, mas que, como se deduz das observações feitas pelo escritor Euclides da Cunha e pelo médico Osvaldo Cruz, sem o necessário acompanhamento de políticas públicas nacionais, criando uma espécie de território neutro de exilados dentro da própria terra.

²⁶ Candido, “Literatura e subdesenvolvimento”, p.164.

O que ressalta na comparação entre os textos do médico sanitário e os do engenheiro, jornalista e escritor é a verdadeira constituição de um diálogo entre a literatura e a ciência, na constituição de uma proposta de *ser* nacional e do estabelecimento de um discurso verdadeiramente autônomo, no momento em que o projeto da República estabelecia suas definições. Deste modo, com relação à questão amazônica, os textos de Osvaldo Cruz, Euclides da Cunha e outros brasileiros sobre a região, como Alberto Rangel, José Veríssimo, Rondon e muitos outros podem contribuir para que se possa construir narrativas próprias, recuperando através do discurso aqueles que permanecem à margem.

Referências :

- Butor Michel. « Le voyage et réécriture ». In: *Romantisme*, n°4, Paris, 1972, Flammarion. pp. 4-19.
- Candido, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”, In: *A educação pela noite e outros ensaios*, São Paulo, 1989, Ática, 1989, p.140-162.
- Cruz, Osvaldo, Chagas, Carlos, Peixoto, Afrânio. *Sobre o saneamento da Amazônia*. Manaus, 1972 Daou.
- Cunha, Euclides da. *Obra completa*. Rio de Janeiro, 1995, Nova Aguilar. Vol. I.
- Daou, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro, 2000, Zahar.
- Fausto, Boris. *História do Brasil*. São Paulo, 1995, Edusp.
- Furtado, Celso. “O problema da mão-de-obra. III. Transumância amazônica”. In: *Formação econômica do Brasil*. São Paulo, 1987, Cia. Editora Nacional.
- Hardman, Francisco Foot. *Trem fantasma: a modernidade na selva*, São Paulo, 1998, Companhia das Letras.
- Milton, John. *Paradise lost: a poem written in ten books*, Pittsburgh, 2007, Duquesne University Press. Transcrito da primeira edição e editado por John T. Shawcross & Michael Lieb. Primeira edição: 1667.
- Milton, John. *Paraíso perdido*, Rio de Janeiro, 1956, Jackson. Trad. Antônio José de Lima Leitão. Primeira edição: 1840.
- Holtz, Grégoire & Masse, Vincent. “Étudier les récits de voyage : bilan, questionnements, enjeux », In : *Abrescences : revue d'études françaises*. Numéro 2, mai 2012. Numérique : <http://id.erudit.org/iderudit/1009267ar>
Acessado em 20/06/2016.

Periódicos:

- Gazeta de Notícias*, 3 de abril de 1911, Rio de Janeiro, p.1. Arquivo da Biblioteca Nacional. (BNDigital, Hemeroteca).
- Correio da Manhã*, 4 de junho de 1911, Rio de Janeiro, p.4. Arquivo da Biblioteca Nacional. (BNDigital, Hemeroteca).